

Violência obstétrica na percepção de estudantes de enfermagem

Obstetric violence as perceived by nursing students
Violencia obstétrica en la percepción de estudiantes de enfermería

Kamila Machado Correa¹

ORCID: 0000-0002-8418-8471

Josemar Batista¹

ORCID: 0000-0001-9838-1232

Suelen da Rocha Lage

Moraes¹

ORCID: 0000-0002-2468-9784

¹Centro Universitário Santa Cruz de Curitiba. Curitiba, Paraná, Brasil.

Autor correspondente:
Nome do autor Josemar Batista
E-mail:
josemar.batista@hotmail.com

Resumo

Objetivo: Identificar a percepção de estudantes de Enfermagem sobre a compreensão, das causas e medidas de prevenção de violência obstétrica. **Métodos:** Pesquisa descritiva-exploratória e qualitativa realizada em um centro universitário privado do Paraná. Os dados foram coletados de junho à julho de 2022, mediante aplicação de questionário semiestruturado para 10 estudantes de Enfermagem e submetidos à Análise de Conteúdo do tipo temática. **Resultados:** Emergiu a categoria: conhecimento de estudantes de Enfermagem em relação à violência obstétrica, composta por duas subcategorias: violência obstétrica: conceito, tipos e compreensão das causas na percepção de estudantes de Enfermagem; e empoderamento da mulher, escuta ativa e capacitação/formação dos profissionais de saúde para a prevenção de práticas que configuram a violência obstétrica. A violência obstétrica, segundo os depoentes, caracteriza-se por abusos e maus tratos realizados por profissionais de saúde, em sua forma física, verbal, moral, psicológica e sexual. Questões profissionais e estruturais foram apontadas como causas principais, enquanto a formação profissional e o empoderamento da mulher como fatores de prevenção do agravo. **Considerações finais:** Os estudantes compreenderam as práticas caracterizadas como violência obstétrica, conheceram suas principais causas e apontaram a formação profissional e a necessidade de empoderar a mulher com ações preventivas deste tipo de violência nos serviços obstétricos.

Descritores: Conhecimento. Estudantes de Enfermagem; Violência Obstétrica; Saúde da Mulher.

O que se sabe?

A violência obstétrica é um problema de saúde pública no mundo, tornando-se uma temática relevante para o delineamento de políticas direcionadas à área materno-infantil.

O que o estudo adiciona?

Os estudantes compreendem a necessidade de empoderar as mulheres e capacitar/formar os profissionais de saúde permanentemente na temática, com vistas a transformar o modelo de atenção obstétrica.



Como citar este artigo: Correa KM, Batista J, Moraes SRL. Violência obstétrica na percepção de estudantes de enfermagem. Rev. enferm. UFPI. [internet] 2024 [citado em: dia mês abreviado ano];13:e3819. DOI: 10.26694/reufpi.v13i1.3819

Abstract

Objective: To identify the perception of Nursing students about the understanding, causes, and prevention actions of obstetric violence.

Method: A descriptive, exploratory, and qualitative study carried out at a private university center in Paraná. The data was collected from June to July 2022, using a semi-structured questionnaire for 10 Nursing students and submitted to thematic content analysis.

Results: The following category emerged: knowledge of Nursing students about obstetric violence, made up of two subcategories: obstetric violence: concept, types, and understanding of the causes in the perception of Nursing students; and empowerment of women, active listening and training of health professionals to prevent practices that constitute obstetric violence. According to the interviewees, obstetric violence is characterized by abuse and mistreatment by health professionals, in its physical, verbal, moral, psychological, and sexual forms. Professional and structural issues were identified as the main causes, while professional training and women's empowerment were identified as factors for preventing the problem. **Final considerations:** The students understood the practices characterized as obstetric violence, were familiar with their main causes, and pointed to professional training and the need to provide women with preventive actions against this type of violence in obstetric services.

Descriptors: Knowledge. Students, Nursing. Obstetric Violence; Women's Health.

Resumen

Objetivo: Identificar la percepción de estudiantes de Enfermería sobre la comprensión de las causas y medidas para prevenir la violencia obstétrica. **Método:** Investigación descriptiva-exploratoria y cualitativa realizada en un centro universitario privado de Paraná. Los datos fueron recolectados de junio a julio de 2022, mediante la aplicación de un cuestionario semiestructurado a 10 estudiantes de Enfermería y sometidos a Análisis de Contenido temático. **Resultados:** Surgió la categoría: conocimientos de los estudiantes de Enfermería en relación a la violencia obstétrica, compuesta por dos subcategorías: violencia obstétrica: concepto, tipos y comprensión de las causas en la percepción de los estudiantes de Enfermería; y empoderamiento de las mujeres, escucha activa y capacitación/formación de profesionales de la salud para prevenir prácticas que constituyan violencia obstétrica. La violencia obstétrica, según los encuestados, se caracteriza por abusos y malos tratos realizados por profesionales de la salud, en sus formas física, verbal, moral, psicológica y sexual. Se identificaron cuestiones profesionales y estructurales como las principales causas, mientras que la formación profesional y el empoderamiento de las mujeres como factores de prevención de la enfermedad. **Consideraciones finales:** Las estudiantes comprendieron las prácticas caracterizadas como violencia obstétrica, conocieron sus principales causas y señalaron la formación profesional y la necesidad de empoderar a las mujeres con acciones preventivas contra este tipo de violencia en los servicios obstétricos.

Descriptoros: Conocimiento. Estudiantes de Enfermería. Violencia Obstétrica; Salud de la Mujer.

INTRODUÇÃO

As transformações ao longo do tempo relacionadas à forma de nascer contribuíram para a institucionalização do parto e, conseqüentemente, para o agravamento da violência contra as gestantes e parturientes.⁽¹⁾ A violência obstétrica é um termo utilizado para designar práticas violentas deferidas por profissionais de saúde durante a assistência às mulheres durante o parto e puerpério dentro do serviço de saúde. É caracterizada como uma violência de gênero e pode ser classificada em violência moral, física, psicológica e patrimonial.⁽²⁾

Dessa forma, consideram-se exemplos de violência obstétrica; negar atendimento/tratamento durante o parto, humilhações, desconsideração das necessidades e dores das mulheres, práticas invasivas desnecessárias e sem consentimento, violência física, uso desnecessário de medicamentos, intervenções médicas forçadas, desumanização, discriminação com base em raça, origem étnica ou econômica, idade e por diagnóstico de doenças infectocontagiosas.⁽³⁾

Na Etiópia, ao entrevistar 409 mulheres obteve-se uma prevalência de violência obstétrica de 75,1%.⁽⁴⁾ Em estudo realizado em quatro países da África Ocidental observou-se uma elevada frequência de abuso físico, verbal, discriminação e de intervenções/procedimentos e exames não consentidos,⁽⁵⁾ semelhantemente ao encontrado no sistema de saúde espanhol⁽⁶⁾ e em países latino-americanos como, por exemplo, o México.⁽⁷⁾

No Brasil, embora haja incipiência de estudos epidemiológicos que retratem a violência obstétrica no país, estima-se a prevalência variando entre 11,3% e 18,3%. Dados da pesquisa Nascer, realizada com a aplicação de um inquérito na assistência ao parto em 23.378 puérperas entre 2011 e 2012, identificou-se um aumento de intervenções no parto e nascimento e a associação entre desrespeito e maus-tratos à mulher durante o parto e a depressão pós-parto, a qual atingiu 26,3% das mulheres submetidas ao parto vaginal.⁽⁸⁾

É necessário reconhecer que o atual modelo de assistência ao parto, excessivamente tecnocrático, abusivo e permeado de intervenções desnecessárias gera violência contra a mulher.⁽⁹⁾ Por ser uma temática relevante para o delineamento de políticas de saúde pública direcionadas à área materno-infantil, torna-se um conteúdo a ser abordado na formação de profissionais e gestores de saúde, com vistas a mudar as práticas assistenciais e do sistema de atenção ao parto e ao nascimento.⁽¹⁰⁾

As instituições formadoras de recursos humanos em saúde, incluindo, as escolas de ensino superior em Enfermagem são importantes para modificar esse cenário violento no ambiente obstétrico. Conjectura-se que ensinar durante a formação acadêmica as práticas baseadas em evidências contribui para a mudança de atitudes/comportamentos dos futuros trabalhadores da área obstétrica, cuja finalidade é de prevenir o problema institucionalizado nos serviços públicos e privados do país e promover a assistência de Enfermagem de qualidade e humanizada.

Nesse ínterim, investigar o conhecimento de estudantes de Enfermagem sobre aspectos que envolvem a violência obstétrica é uma forma de contribuir com o planejamento de estratégias de ensino que favoreçam a formação profissional consciente e comprometida com a prevenção e o enfrentamento deste tipo de violência.⁽¹¹⁾ Frente ao exposto, questionou-se: Qual a percepção de estudantes de Enfermagem sobre o reconhecimento, compreensão das causas e prevenção de práticas violentas na área obstétrica?

O objetivo deste estudo foi identificar a percepção de estudantes de Enfermagem sobre a compreensão, das causas e as medidas de prevenção de violência obstétrica.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva-exploratória de abordagem qualitativa realizada em um Centro Universitário privado situado na cidade de Curitiba, Paraná. A população-alvo foi constituída por 40 acadêmicos de Enfermagem matriculados no último ano do curso de graduação.

Os critérios de inclusão foram: ser acadêmico de Enfermagem aprovado na disciplina teórica e de estágio supervisionado obrigatório referente ao componente curricular de saúde da mulher e da gestante. Excluíram-se os acadêmicos afastados ou de licença no período de coleta de dados. O número de participantes foi definido por saturação teórica dos dados, resultando em uma amostra final de 10 estudantes.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de junho e julho de 2022. Foi realizada de forma on-line, com convite disponibilizado por correio eletrônico (*e-mail*). Após os esclarecimentos do objetivo da pesquisa e sanadas as dúvidas dos participantes. Aos que aceitaram participar foi disponibilizado um formulário eletrônico pela plataforma *Google Forms*®. Na abertura do formulário continha um *link* no qual o participante teve acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Parte A), e para acessar e prosseguir no preenchimento (Parte B), era necessário selecionar a opção “concordo em participar voluntariamente da pesquisa”.

A parte B foi composta por questionário semiestruturado contendo dados do perfil demográfico e acadêmico e cinco perguntas abertas sobre violência obstétrica: (1) Para você, o que é violência obstétrica? (2) Em sua opinião, quais são os tipos mais prevalentes de violência obstétrica? (3) Descreva que tipo (s) de procedimento (s) que pode (m) ser considerado (s) violento (s) no contexto do trabalho de parto e parto; (4) Na sua opinião, quais são as causas que contribuem para a ocorrência da violência obstétrica? (5) É possível prevenir a violência obstétrica? Se sim, explique sua resposta.

Após o processamento dos depoimentos dos participantes, foi empregada a Análise de Conteúdo do tipo Temática, subdivida em três etapas fundamentais: pré-análise, exploração do material e interpretação inferencial.⁽¹²⁾ Na primeira etapa, realizaram-se as leituras aprofundadas dos depoimentos com a finalidade de identificar as ideias centrais.

A exploração do material empírico ocorreu com a intenção de sintetizar as informações e compor as categorias iniciais e intermediárias. Essas categorias foram agrupadas tematicamente, de modo a originar uma única categoria final denominada “Conhecimento de estudantes de Enfermagem em relação à violência obstétrica”, composta por duas subcategorias: “Violência obstétrica: conceito, tipos e compreensão das causas na percepção de estudantes de Enfermagem” e “Empoderamento da mulher, escuta ativa e capacitação/formação dos profissionais de saúde para a prevenção de práticas que configuram violência obstétrica”, como forma de conceber a interpretação dos resultados obtidos.

Para atender a Resolução nº 466/2012, esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos institucional, sob parecer de nº 5.486.211. Para garantir a confidencialidade e o anonimato dos participantes, os estudantes de Enfermagem foram identificados como a letra E (Estudante) seguido do numeral relativo à entrega do questionário *online* (E1, E2...E10).

RESULTADOS

Participaram da pesquisa 10 estudantes de Enfermagem, com idade entre 21 e 44 anos. Nove eram do sexo feminino e quatro participantes declararam atuar como técnicos de Enfermagem. Quando questionados sobre a formação/capacitação em violência obstétrica durante aulas teóricas/práticas no decorrer do curso de graduação em Enfermagem, nove afirmaram que o conteúdo foi contemplado no processo de formação.

Em relação à formação/capacitação em violência obstétrica em eventos, congressos ou simpósios, seis estudantes referiram não ter buscado essas fontes para aprimorar o conhecimento no tema. Oito acadêmicos se sentem preparados para detectar práticas violentas ocorridas durante o trabalho de parto e parto.

Com base nos depoimentos dos participantes, emergiu uma única categoria temática composta por duas subcategorias descritas a seguir:

Conhecimento de estudantes de Enfermagem em relação à violência obstétrica

A partir da análise dos depoimentos, emergiram duas subcategorias: “Violência obstétrica: conceito, tipos e compreensão das causas na percepção de estudantes de Enfermagem” e “Empoderamento da mulher, escuta ativa e capacitação/formação dos profissionais de saúde para a prevenção de práticas que configuram violência obstétrica”.

Violência obstétrica: conceito, tipos e compreensão das causas na percepção de estudantes de Enfermagem

Na percepção dos participantes da pesquisa a violência obstétrica se expressa por abusos e maus tratos praticados por profissionais de saúde, em que pode ocorrer de forma física, verbal, moral, psicológica e sexual, conforme evidenciado nos depoimentos a seguir:

Caracteriza um abuso que o profissional realiza contra essa gestante, em formas verbais ou físicas, ou até mesmo em intervir na escolha do parto da gestante, sem ser necessariamente uma gestação de risco. (E1)

Na decisão de que forma será o parto (muitas não podem escolher), violência verbal (não deixando a mãe se expressar naquele momento de dor). (E3)

Desrespeito à mulher e seu corpo, tanto verbal, como físico e sexual. (E5)

Qualquer ação de violência destinada à mulher grávida com ou sem seu consentimento. (E6)

Falta de informação ao paciente, obrigatoriedade de posição para parir, não respeitarem seus desejos/direitos. (E7)

Tudo o que pode denegrir a paciente tanto físico, mental ou moral. (E10)

Entre as ações da equipe de saúde consideradas como violentas pelos estudantes de Enfermagem, destacaram-se aquelas relacionadas à violência física, verbal e psicológica.

Utilizar práticas invasivas como uso de fórceps, o famoso puxão na hora do parto, ou utilizar métodos de abuso físico, negar atendimento de qualidade ignorando as dores da mulher e humilhar verbalmente. (E1)

Utilização de fórceps, realização de episiotomia e manobra de Kristeller. (E2)

Fórceps e o uso de ocitocina quando não há necessidade, toques desnecessários. (E3)

Corte da vagina para facilitar a saída do feto. (E4)

Negar tratamento durante o parto; ignorar as necessidades da mulher. (E5)

Episiotomia, fórceps. (E6)

Indução desnecessária de trabalho de parto, indicação desnecessária de cesariana. (E7)

Pressão no abdômen, falas agressivas. (E8)

Enganar a paciente para parar com o parto e levar para a cesariana contrariada. (E10)

O processo de relacionamento interpessoal profissional de saúde/paciente, os fatores individuais da mulher, por exemplo, incipiência sobre os seus direitos durante o trabalho de parto e parto e as questões estruturais dos serviços de atendimento obstétrico, foram referidos pelos estudantes de Enfermagem entre as causas que contribuem para a ocorrência de violência obstétrica.

Falta de empatia, negligência, falta de educação continuada para os profissionais de saúde. (E1)

Profissionais não qualificados e a falta de estrutura e de recursos são as causas que contribuem para a violência obstétrica. (E2)

Más condições do sistema de saúde. (E5)

Falta de conhecimento da mulher sobre seu processo e seus direitos e a falta de capacitação do profissional de saúde. (E6)

Falta de informação das mães, mães vulneráveis sem acompanhante. (E8)

Acredito que as causas são várias, se a equipe estiver insatisfeita com o trabalho, com o salário, ou ainda com a equipe ou supervisão, a falta de medicamentos, a falta de equipamentos, falta de conhecimento. (E9)

Empoderamento da mulher, acolhimento/escuta ativa e capacitação/formação dos profissionais de saúde para a prevenção de práticas que configuram violência obstétrica

No geral, os estudantes pesquisados afirmaram ser possível prevenir as práticas violentas na área obstétrica. Relacionaram a necessidade de empoderar a mulher com informações relativas ao assunto conforme verificado nos relatos:

Pesquisar e buscar aprender o que é a violência obstétrica, passar as informações para outras mães que passarão por parto. (E5)

[...] pré-natal assistido e orientado. (E7)

Fornecendo mais explicações para a paciente referente à sua escolha de parto. (E10)

Os estudantes de Enfermagem apontaram que o respeito e o acolhimento em saúde, bem como institucionalizar o parto humanizado são os princípios que contribuem para proteger as gestantes e as parturientes contra as práticas violentas e desnecessárias no trabalho de parto e parto.

Implantando o parto humanizado nas maternidades e centros obstétricos. (E1)

É possível prevenir a violência obstétrica, respeitando, acolhendo e oferecendo uma assistência de qualidade para a gestante e evitar realizar procedimentos invasivos que possivelmente irão machucar o feto e a gestante. (E2)

Tornando o momento do parto o mais humanizado possível, lembrando que aquele momento é algo especial para a mãe, evitar falas desnecessárias entre a equipe. (E3)

Três estudantes expuseram a relevância de capacitar/formar os profissionais de saúde na temática conforme observado nos depoimentos abaixo:

Estudo e aprimoramento. (E4)

Falando mais sobre esse assunto, fazendo educação continuada, capacitando os profissionais. (E6)

Aplicando educação continuada nas maternidades. (E8)

DISCUSSÃO

Com base nos resultados, observa-se que a percepção dos estudantes de Enfermagem sobre o conhecimento em relação ao conceito, causas e prevenção de práticas violentas no contexto obstétrico foi favorável, ancorado, principalmente, ao fato de o conteúdo ser abordado em disciplinas que compõem a matriz curricular do curso de graduação da instituição pesquisada, e reforçado pela maioria dos participantes relatarem que o tema foi abordado durante a formação profissional, e que se sentem preparados para identificar as situações de violência obstétrica.

Esse achado é consoante com uma investigação realizada em uma faculdade de ensino superior brasileira com 65 acadêmicos de Enfermagem, a qual demonstrou que o curso de graduação desses profissionais fornece embasamento científico, crítico e reflexivo relacionados à saúde da mulher.⁽¹³⁾ Em um estudo conduzido com 220 acadêmicos de Medicina e Enfermagem de uma universidade pública da região norte do Brasil, apontou que o conhecimento dos acadêmicos de Enfermagem mostrou-se satisfatório em relação ao conceito, compreensão e reconhecimento de formas típicas de violência obstétrica. Ademais, reafirmou que ao incluir a temática no ambiente acadêmico colabora em mudanças conceituais e comportamentais desses estudantes.⁽¹⁴⁾

Na Espanha, os estudantes de Enfermagem, Medicina, Psicologia e Obstetrícia apresentaram percepção moderada sobre a violência obstétrica. Ademais, os acadêmicos de Enfermagem matriculados nos últimos períodos do curso apresentaram percepção da violência obstétrica mais favorável quando comparados àqueles que estão no início do processo de formação,⁽¹⁵⁾ o que pode explicar os resultados desejados encontrados nesta pesquisa, haja vista, que os estudantes participantes estavam matriculados no último ano do curso de graduação.

Os estudantes compreendem que a violência obstétrica é caracterizada por ações que causam sofrimento e dor às gestantes, parturientes e puérperas, manifestada, majoritariamente, pela violência física e verbal, e expressada em diferentes modos, tais como, administração de ocitocina, uso de fórceps, episiotomia, manobra de *Kristeller*, falta de informações, omissão de direitos institucionalizados e indução à cesariana, contrariando o desejo da mulher pelo parto natural, em que a mulher passa a ser a principal protagonista no momento do nascimento dos filhos.⁽¹⁶⁾

Em pesquisa transversal realizada em uma universidade privada do Rio de Janeiro, Brasil, com 30 estudantes de Enfermagem que estavam cursando o estágio supervisionado obrigatório (9º e 10º períodos), concordaram que a manobra de *Kristeller*, episiotomia e induzir a parturiente a realizar cesariana por crenças do senso comum são caracterizadas como práticas violentas.⁽¹⁷⁾

A manobra *Kristeller*, o uso de linguagem ofensiva e falta de respeito à mulher durante o trabalho de parto, parto e pós-parto também foram percebidos como violência obstétrica entre estudantes da área da saúde da Espanha.⁽¹⁵⁾ A violência verbal manifesta-se em situações de abuso moral, como ofensas às gestantes, ferindo sua moral e dignidade, com objetivo de ridicularizar, humilhar, manipular e/ou ameaçar.⁽¹⁸⁾ Assim, abordá-la na formação de Enfermagem é necessária para as transformações das práticas e ações no processo parturitivo, as quais serão executadas futuramente por esses estudantes em sua prática profissional.

A mudança da cultura intervencionista e a medicalização na hora do parto, priorizando o parto vaginal e fisiológico, é consequência de intensos debates ao que se refere a humanização do parto, o que por sua vez, contribuem para mobilizar a sociedade e empoderar a mulher.⁽¹⁷⁾ O empoderamento da mulher foi relatado pelos participantes desta pesquisa como uma das formas de prevenir as práticas violentas enraizadas nos serviços de saúde. Uma revisão integrativa da literatura considerou as rodas de conversa, a adesão ao pré-natal, educação permanente para a equipe multiprofissional, o uso de material de apoio e a utilização da rede cegonha como abordagens relevantes para a estruturação da educação em saúde que visem empoderar as gestantes na prevenção da violência obstétrica.⁽¹⁹⁾

A Política Nacional de Humanização, criada em 2003, permite aproximar a relação entre paciente e profissional bem como fornecer condições adequadas para ofertar à mulher uma assistência humanizada e qualificada durante o pré-natal, parto, puerpério e assistência neonatal.⁽²⁰⁾ Nesse contexto, o acolhimento e a institucionalização do parto humanizado também foram apontados pelos depoentes como formas de garantir a proteção de gestantes e parturientes aos diferentes tipos de violência obstétrica.

Os pesquisadores defendem que humanizar o cuidado prestado às parturientes é uma das respostas para combater a violência obstétrica nos serviços de saúde.^(16,21) Entretanto, vai além de humanizar os profissionais da saúde, mas sim em humanizar pessoas, incluindo a postura que se assume diante da vida e diante de como o indivíduo interage com o outro.⁽²¹⁾ Por outro lado, há de se considerar a precarização do trabalho como possível influenciador na violência obstétrica e no modo de nascer.⁽²²⁾

Uma revisão integrativa de literatura cujo objetivo foi de determinar quais os fatores que influenciam a ocorrência da violência obstétrica no Brasil, apontou que as questões sociais, econômicas e culturais influenciam na ocorrência de violência obstétrica, com destaque para a hierarquia entre o profissional de saúde e a paciente, de preceitos éticos no momento do processo de parturição, da percepção médico/profissional sobre o parto, da espera de um atendimento deficiente em serviços públicos de saúde, de condições de trabalho dos profissionais e de restrições ao acompanhante de escolha da parturiente.⁽²³⁾

A baixa qualificação profissional e a insatisfação com as condições de trabalho dos profissionais de saúde contribuem para a ocorrência de práticas violentas na área obstétrica, conforme evidenciado nos depoimentos. Os estudantes de Enfermagem estão atentos em relação à necessidade de incentivo e apoio à formação continuada dos profissionais da saúde, com abordagem humanizada, conjuntamente com a ampliação das informações prestadas pelos serviços públicos e particulares de saúde para as mulheres gestantes e à família, sobre os direitos da mulher e do recém-nascido.⁽²⁴⁾

A realização da pesquisa em uma única instituição de Ensino Superior torna-se a principal limitação. A coleta de dados ter sido realizada por questionário on-line pode ser apontado como uma fragilidade deste estudo. Entretanto, reconhecer as causas e os métodos preventivos de violência obstétrica desde o processo formativo do enfermeiro contribui para as mudanças de comportamentos e atitudes, o que colabora em transformar o processo de trabalho dos futuros enfermeiros em detrimento ao entendimento sobre a temática e das potenciais medidas de enfrentamento.

Dessa forma, os resultados podem ser utilizados como subsídio para aprimorar o processo de ensino e aprendizagem e avançar no ensino de Enfermagem para a promoção de práticas não violentas durante a assistência à mulher em trabalho de parto e parto, possibilitando proporcionar um modelo assistencial pautado nos preceitos da política de humanização.

CONCLUSÃO

Os estudantes de Enfermagem possuem conhecimento sobre violência obstétrica, destacando-se principalmente a forma física e verbal. Entre as ações/práticas violentas citaram, dentre outras, o uso de fórceps, realização de episiotomia e manobra de *Kristeller*, uso inadvertido de ocitocina, toques desnecessários e indução à cesariana. Os estudantes compreendem que a causa da violência obstétrica é multifatorial, e entre as medidas relatadas para preveni-la destacaram-se a necessidade de empoderar as mulheres e capacitar/formar os profissionais de saúde permanentemente na temática.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Concepção ou desenho do estudo: Correa KM, Batista J. Coleta de dados: Correa KM, Batista J. Análise e interpretação dos dados: Correa KM, Batista J. Moraes SRL. Redação do artigo ou revisão crítica: Correa KM, Batista J. Moraes SRL. Aprovação final da versão a ser publicada: Correa KM, Batista J. Moraes SRL.

REFERÊNCIAS

1. Kappaun A, Costa MMM. A institucionalização do parto e suas contribuições na violência obstétrica. *Rev. Paradig.* [Internet]. 2020;20(1):71-86. Disponível em: <https://revistas.unaerp.br/paradigma/article/view/1446/1544>.
2. Marques SB. Violência obstétrica no Brasil: um conceito em construção para a garantia do direito integral à saúde das mulheres. *Cad. Ibero Am. Direito Sanit.* [Internet], 2020;9(1):97-119. doi: <https://doi.org/10.17566/ciads.v9i1.585>.
3. Marinho K. Você sabe o que é Violência Obstétrica? [Internet]. 2020 [citado 4 Mai 2022]. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/mulheres/voce-sabe-o-que-e-violencia-obstetrica/>.

4. Mihret MS. Obstetric violence and its associated factors among postpartum women in a Specialized Comprehensive Hospital, Amhara Region, Northwest Ethiopia. *BMS Res. Notes*. [Internet]. 2019; 12(600):1-7. doi: <https://doi.org/10.1186/s13104-019-4614-4>.
5. Bohren MA, Mehrdash H, Fawole B, Maung TM, Balde MD, Maya E, et al. How women are treated during facility-based childbirth in four countries: a cross-sectional study with labour observations and community-based surveys. *Lancet*. [Internet]. 2019; 394(10210): 1750-63. doi: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(19\)31992-0](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(19)31992-0).
6. Martínez-Galiano JM, Martínez-Vázquez S, Rodríguez-Almagro J, Hernández-Martínez A. The magnitude of the problem of obstetric violence and its associated factors: A cross-sectional study. *Women Birth*. [Internet]. 2021;34(5):e526-e536. doi: <https://doi.org/10.1016/j.wombi.2020.10.002>.
7. Castro R, Frías SM. Obstetric Violence in Mexico: Results From a 2016 National Household Survey. *Violence Against Women*. [Internet]. 2020;26(6-7):555-72. doi: <https://doi.org/10.1177/1077801219836732>.
8. Leite TH, Pereira APE, Leal MC, Silva AAM. Disrespect and abuse towards women during childbirth and postpartum depression: findings from Birth in Brazil Study J. *affect. disord*. [Internet]. 2020; 273: 391-401. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.04.052>.
9. Katz L, Amorim MM, Giordano JC, Bastos MH, Brilhante AVM. Who is afraid of obstetric violence? *Rev. Bras. Saude Mater. Infant*. [Internet]. 2020;20(2):623-26. doi: <https://doi.org/10.1590/1806-93042020000200017>.
10. Lansky S, Souza KV, Peixoto ERM, Oliveira BJ, Diniz CSG, Vieira NF, et al. Obstetric violence: influences of the Senses of Birth exhibition in pregnant women childbirth experience. *Ciênc. Saúde Colet*. [Internet]. 2019; 24(8):2811-23. doi: <https://doi.org/110.1590/1413-81232018248.30102017>.
11. Ramos TM, Tanaka EZ, Carmona EV, Sanfelice CFO. Nursing students' knowledge about obstetric violence. *ABCS Health Sci*. [Internet]. 2022;47:e02222. doi: <https://doi.org/10.7322/abcshs.2020163.1606>.
12. Bardin L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edição 70; 2011.
13. Melo KASR, Almeida EA, Peixoto VS. Violência obstétrica: a percepção de acadêmicos de enfermagem de uma faculdade do sudoeste goiano. *Res. Soc. Dev*. [Internet]. 2022; 11(13): e59111324449. doi: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i13.24449>.
14. Vieira SN, Vidigal BAA, Sousa AM, Reis LN, Teixeira E, Vasconcelos MNG. Violência obstétrica: convergências e divergências entre acadêmicos de enfermagem e medicina. *Enferm. Foco*. [Internet]; 2019; 10(6):21-8. doi: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2019.v10.n6.2068>.
15. Mena-Tudela D, Cervera-Gasch Á, Andreu-Pejó L, Alemany-Anchel MJ, Valero-Chillerón MJ, Peris-Ferrando E, et al. Perception of obstetric violence in a sample of Spanish health sciences students: A cross-sectional study. *Nurse educ. today*. [Internet]. 2022; 110: 105266. doi: <https://doi.org/10.1016/j.nedt.2022.105266>.
16. Martins LF, Carvalho FLO, Costa DM, Paris LRP, Junior LRG, Bueno DMP, et al. Violência Obstétrica: Uma expressão nova para um problema histórico. *Saúde Foco*. [Internet]. 2019; 11:413-23. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2019/03/034_VIOL%C3%8ANCIA-OBST%C3%89TRICA-Uma-express%C3%A3o-nova-para-um-problema-hist%C3%B3rico.pdf.

17. Costa JA, Silveira JA, Gonçalves SJC, Souza MCA. Violência obstétrica e humanização no parto. Percepção de alunos de graduação em Medicina e Enfermagem. *Rev Saúde*. [Internet]. 2022; 13(1):28-33. doi: <https://doi.org/10.21727/rs.v13i1.2993>.
18. Oliveira TR, Costa REOL, Monte NL, Veras JMMF, Sá MIMR. Women's perception on obstetric violence. *Rev enferm. UFPE on line*. [Internet]. 2017; 11(1):40-6. doi: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v11i1a11876p40-46-2017>.
19. Souza TP, Santos MVA, Corgozinho VA, Oliveira MM, Almeida CS, Souza DAS. Pregnant women's empowerment against obstetric violence. *Res. Soc. Dev.* [Internet]. 2022; 11(6):e27611629100. doi: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i6.29100>.
20. Barros MNC, Moraes TL. Parto humanizado: uma perspectiva da política nacional de humanização. *Rev Extensão*. [Internet]. 2020; 4(1):84-92. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/extensao/article/view/2038>.
21. Cardoso FJC, Costa ACM, Almeida MM, Santos TS, Oliveira FBM. Institutional obstetric violence in birth: perception of health professionals. *Rev enferm. UFPE on line*. [Internet]. 2017; 11(9): 3346-53. doi: <https://doi.org/10.5205/reuol.11088-99027-5-ED.1109201704>.
22. Faleiros MCPPN; Oliveira NHD. How precarious work conditions in health affect birth: an integrative review on obstetric violence. *REFACS*. [Internet]. 2019; 7(3):345-56. doi: <https://doi.org/10.18554/refacs.v7i3.3757>.
23. Ferreira SCS, Pantoja NKC, Silva LB, Torres ACP, Rocha ENP. Fatores que contribuem para a ocorrência da violência obstétrica no Brasil: revisão integrativa de literatura. *REAS* [Internet]. 2021;13(12): 1-11. doi: <https://doi.org/10.25248/reas.e9512.2021>.
24. Marinho AMP, Almeida FF, Martins IPR, Sales OP, Okabaiashi DCV. A prática da violência obstétrica e o papel do enfermeiro no empoderamento da mulher. *Rev Multidebates*. [Internet]. 2021; 5(2): 26-37. Disponível em: <https://revista.faculdadeitop.edu.br/index.php/revista/article/view/370>.

Conflitos de interesse: Não
Submissão: 2023/01/14
Revisão: 2023/06/30
Aceite: 2023/08/03
Publicação: 2024/04/04

Editor Chefe ou Científico: Jose Wicto Pereira Borges
Editor Associado: Larissa Alves de Araújo Lima

Autores mantêm os direitos autorais e concedem à Revista de Enfermagem da UFPI o direito de primeira publicação, com o trabalho licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution BY 4.0 que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.